

1. Artigo decorrente de dissertação de mestrado em Gestão Urbana.

2. Mestre em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Arquiteta e Urbanista pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, atua profissionalmente como consultora em planejamento urbano e desenho urbano.

**Landscape
Architecture**

**Civil
Engineering**

Arc

City

CONCEITOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE PLANEJAMENTO URBANO, DESENHO URBANO E SUA RELAÇÃO¹

*CONTEMPORARY CONCEPTS OF URBAN PLANNING,
URBAN DESIGN AND ITS RELATIONSHIP*

Maria Fernanda Incote Montanha Teixeira²

Resumo

O objetivo é analisar como planejamento urbano e desenho urbano são conceituados, contemporaneamente, de modo individual e em sua relação. São analisadas obras de referência sob os aspectos do conceito específico de cada campo e da relação entre eles. Conclui-se, sobre as abordagens contemporâneas: (a) o conceito e a relação entre os campos é entendida de modo desigual entre os autores que a avaliam, (b) apresentam pequeno debate interno, (c) tendem a valorizar um campo em detrimento de outro, (d) diferenciam-se em “organizadoras” e “críticas”.

Palavras-chave: Planejamento urbano; Desenho urbano.

Abstract

The objective is to analyze how urban planning and urban design are conceptualized, contemporaneously, individually and in their relationship. Reference works are analyzed in the aspects of the specific concept of each field and the relationship between them. The conclusions, on contemporary approaches are: (a) the concept and the relation between the fields is understood unevenly among the authors evaluate them (b) they promote little internal debate, (c) they tend to value one field over another, (d) they differentiate into “organizing” and “critical”.

Key words: Urban planning; Urban design.

O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão em nível teórico e epistemológico sobre como planejamento urbano e desenho urbano são conceituados, contemporaneamente, de modo individual e em sua relação. Para tanto, é estabelecido um recorte de análise que engloba apenas obras de referência que explicitamente tratam sobre a relação entre planejamento urbano e desenho urbano. Destaca-se que, apesar da existência de uma ampla gama de autores que abordam as temáticas **planejamento urbano** e **desenho urbano** em separado, é restrito o número de obras que se dedicam, de modo significativamente extenso e direto, à relação entre esses campos.

Os autores e obras analisados são Carmona *et al.* (2003), Cuthbert (2003; 2006; 2011a; 2011b), Del Rio (1990), Lang (2005) e Souza (2010), considerando (a) o conceito de planejamento urbano e desenho urbano, e (b) a relação entre esses campos.

Parte-se do pressuposto de que planejamento urbano e desenho urbano são campos permeáveis, cuja relação é cognoscível em múltiplos níveis (característica que impossibilita sua delimitação rígida). Não obstante, julga-se necessário estabelecer um elemento balizador que torne possível a análise da pluralidade de sentidos assumidos por esses campos, com base nos diferentes aspectos que sustentam seu entendimento nas obras de referência contemporâneas. Assim, buscou-se o sentido basilar de planejamento urbano e desenho urbano, buscando afastar o senso comum presente em definições fechadas, que ignorariam singularidades. Constatou-se que planejamento urbano pode ser definido como um processo consciente, e desenho urbano como um processo consciente, um processo inconsciente ou um produto. Tal definição constituiu-se como um parâmetro para a análise de distintas situações que envolvem a relação entre planejamento urbano e desenho urbano.

Referencial teórico

Planejamento urbano e desenho urbano como processo e produto

O desenho urbano tem como objeto a forma urbana em suas características físico-espaciais e de relação com o usuário (DEL RIO, 1990). O sentido do termo **desenho urbano** pode ser vinculado tanto a um produto quanto a um processo (CARMONA; TIESDELL, 2007, p. 1). Quando tratado como produto, o termo **desenho urbano** expressa as características de uma determinada forma urbana concretizada ou idealizada, qualificando-a. Exemplifica-se com o contexto apresentado na seguinte frase: “O desenho urbano de Ouro Preto é estreito e alongado, com a topografia acidentada dos vales e morros” (INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2012).

O desenho urbano **produto** é concretizado sobre o espaço por meio de um processo que envolve diversos agentes: “As cidades evoluem nas mãos de uma miríade de designers buscando, consciente ou inconscientemente, satisfazer seus próprios interesses” (LANG, 2005, p. XIX, tradução nossa). Como processo, o desenho urbano pode ocorrer de maneira incons-

ciente ou consciente. O processo inconsciente de desenho urbano ocorre por meio da sobreposição difusa de decisões e intervenções, em escala reduzida ou parcial, sobre a forma urbana, “sem conformar-se a uma intenção específica de desenho urbano” (HEPNER, 2010, p. 41). Esse é o processo por meio do qual a maioria das inserções sobre a forma urbana é concretizada, desde o princípio da conformação dos assentamentos urbanos (CARMONA, 2003, p. 55).

O processo inconsciente de desenho urbano dá origem a um desenho urbano **produto** em que estão presentes características de espontaneidade e organicidade, em diferentes níveis qualitativos. A compreensão do desenho urbano como processo inconsciente permite a desmistificação das casualidades e sua afirmação como elemento do processo de produção social da cidade: “A cidade de hoje não é um acidente. Sua forma é usualmente não intencional, mas não é acidental. É produto de decisões tomadas por propósitos únicos, separados, cujas inter-relações e efeitos colaterais não foram totalmente considerados” (BARNETT, 1982, p. 9-10, tradução nossa).

O desenho urbano se torna um processo consciente quando a forma urbana se torna objeto de um processo de concepção anterior à sua concretização sobre o espaço (CARMONA, 2003, p. 55). O processo consciente de desenho urbano tem como objetivo esboçar uma intenção específica e orientar a configuração da forma urbana idealizada, e pode adotar distintos procedimentos ou metodologias para tal.

Desse modo, é possível afirmar que o processo de desenho urbano está sempre presente na produção da cidade, de maneira consciente ou inconsciente. A maioria das grandes cidades toma forma sob a coexistência de suas duas facetas.

Embora a qualidade da forma urbana resultante não seja, necessariamente, fruto de um processo consciente de desenho urbano, há uma tendência no sentido de estabelecer tal vínculo. Lynch (2010, p. 129), já em 1960, apontava o processo consciente de desenho urbano como um instrumento necessário diante da intensificação do processo de urbanização. Verifica-se, contudo, que algumas formas urbanas resultantes de processos inconscientes favorecem características (como vitalidade urbana, por exemplo), que são frequentemente mimetizadas por meio de processos conscientes de desenho urbano, na busca por essas mesmas características.

Já o planejamento urbano toma como objeto o fenômeno urbano e, como objetivo, o desenvolvimento urbano. Dessa maneira, o planejamento urbano não pode ser entendido como um produto em si mesmo, pois é um processo (DUARTE, 2007, p. 22). Considerando o termo **planejamento** de maneira estanque, verifica-se que sempre se constitui como um processo consciente, pois pressupõe uma atividade de ordenamento de atos e elementos para o cumprimento de um objetivo predeterminado (HALL; TEWDWR-JONES, 2011, p. 3). Seu sentido remete ao futuro, à antevisão de fenômenos com o objetivo de tratá-los de maneira adequada (SOUZA, 2010).

Os planos, por vezes, são tomados como produtos do planejamento. São, contudo, apenas elementos que consubstanciam

ideias, desígnios, diretrizes para um futuro desejado. Podem tanto documentar etapas e procedimentos de um planejamento contínuo, quanto demonstrar um quadro estanque de uma situação idealizada. O verdadeiro produto do planejamento urbano é intangível e incomensurável em diversos aspectos, pois remete às complexas relações envolvidas no processo de desenvolvimento urbano. Tais definições (do desenho urbano como um produto, um processo consciente e um processo inconsciente, e do planejamento urbano como um processo consciente) são adotadas como elementos constantes, ou pressupostos da análise, com o objetivo de estabelecer parâmetro à análise das abordagens contemporâneas, realizada a seguir.

Conceituação de planejamento urbano e desenho urbano, segundo as abordagens contemporâneas

Toma-se como ponto de partida a definição colocada por cada autor para planejamento urbano e desenho urbano. Nota-se, nesta análise, o predomínio da tendência à valorização de um campo em detrimento de outro na construção do conceito, havendo autores que não definem explicitamente ambos os campos, mesmo quando falam claramente sobre sua relação. Percebe-se isso como uma situação generalizada, em que pouco se discute sobre ambos os campos, simultânea e equilibradamente (enquanto o campo destacado é conceituado cuidadosamente, o segundo é tratado como um coadjuvante da discussão). Essa análise é reveladora de posicionamento próprio de cada autor (pendente ao otimismo, à crítica ou à neutralidade) em relação ao pensamento e à prática do planejamento urbano e (ou) do desenho urbano.

Tanto Carmona *et al.* (2003) quanto Del Rio (1990) apresentam definições segundo pontos de vista otimistas sobre o papel do desenho urbano. Contudo, a definição oferecida pelo segundo diferencia-se por seu caráter pragmático. Sua obra é um elemento de transposição de referências norte-americanas para a realidade brasileira da década de 1980, época em que o desenho urbano começava a ser discutido como uma nova prática profissional e acadêmica no Brasil. Dentro desse contexto, a definição oferecida pelo autor remete à constituição do desenho urbano como um campo disciplinar (posicionando-se em relação às discussões acadêmicas) e relaciona o desenho urbano à constituição da forma urbana em seus aspectos de apresentação concreta em um momento específico, segundo suas características materiais e cognitivas:

[...] campo disciplinar que trata a dimensão físico-ambiental da cidade, enquanto conjunto de sistemas físico-espaciais e sistemas de atividades que interagem com a população através de suas vivências, percepções e ações cotidianas. (DEL RIO, 1990, p. 54, grifo do autor)

Del Rio (1990) considera o planejamento urbano, ainda que não o defina explicitamente, como uma atividade contínua e necessária para a tomada de decisões, a partir da definição de objetivos e meios para atingi-los. Considera-o, ainda, um

processo sempre permeado pelo desenho urbano, ainda que apenas de modo inconsciente (DEL RIO, 1990, p. 57-58), como detalhado adiante.

Já o caráter otimista presente na definição de Carmona *et al.* (2003) tem um ponto de partida distinto. O tom da obra é normativo (sobre o que deveria ser o desenho urbano), o que se reflete na definição apresentada pelos autores: “o desenho urbano é o **processo** de fazer lugares **melhores** para as pessoas **do que de outra forma seriam produzidos**” (CARMONA *et al.*, 2003, p. VI, grifo dos autores). O desenho urbano é tido como um processo criativo de tomada de decisões que agrega valor a suas resultantes (CARMONA *et al.*, 2003, p. 54). Esses autores não estabelecem uma definição explícita para planejamento urbano, mas defendem um processo integrado de desenho urbano que envolve o planejamento urbano, engenharia e paisagismo, como detalhado na seção seguinte.

A característica comum a Del Rio (1990) e Carmona *et al.* (2003) pode ser expressa como um discurso de defesa da importância do desenho urbano no processo de planejamento urbano, em um contexto de valorização do processo consciente de desenho urbano como uma ferramenta fundamental para a construção da “boa” forma urbana. Ambos os autores enfocam a classificação e categorização do que consideram ser os componentes do desenho urbano, além de destacar os aspectos qualitativos que deveriam estar envolvidos nesse processo consciente, em detrimento de uma análise crítica das práticas e teoria envolvidas nesse campo. Apresentando forte aspecto normativo, em que o peso das recomendações sobre o desenho urbano ideal é superior a uma discussão sobre a legitimidade desse campo e suas colocações, é possível afirmar que tal abordagem encaixa-se no que Cuthbert (2003) denomina “manuais de desenho urbano”, que prescrevem situações ideais.

De maneira distinta, Lang (2005) procura posicionar-se com certa neutralidade em seu estudo, focado na prática do desenho urbano. Ainda que defenda a importância do planejamento urbano e do desenho urbano, esse autor apresenta uma abordagem mais ponderada e aprofundada na análise de diferentes situações sob as quais esses campos se relacionam. Percebe-se a ponderação do autor quanto à adoção de um conceito fechado sobre desenho urbano em sua constatação de que esse termo “pode assumir qualquer sentido pretendido por alguém” (LANG, 2005, p. XIX, tradução nossa). Lang (2005) ordena o processo de desenho urbano em quatro grupos, segundo a escala e os procedimentos de implantação de intervenções existentes, partindo do pressuposto de que o desenho urbano pode contemplar desde a cidade como um todo até áreas específicas, podendo determinar, inclusive, a forma dos edifícios e suas características particulares de tratamento exterior (LANG, 2005, p. 6).

O primeiro grupo é denominado por Lang (2005) como “total urban design”. Nesse caso, o processo consciente de desenho urbano tende a envolver projetos de grande escala para domínio público e para a arquitetura. Tais projetos são elaborados para toda a cidade ou para parte dela por uma equipe de profissionais específica que detém o controle sobre o processo

(LANG, 2005, p. 32). O autor afirma que o imaginário sobre o desenho urbano normalmente recai sobre esse processo, que, entretanto, não representa a maioria das intervenções de desenho urbano. São exemplos o Plano-Piloto de Brasília, de Lúcio Costa, e o projeto para Chandigarh, de Le Corbusier (LANG, 2005, p. 28).

O segundo grupo, denominado **all-of-a-piece urban design**, é empregado principalmente nos casos em que o Estado não tem a capacidade de investimento para realizar todo o conjunto da intervenção desejada, seja pela escala da área de abrangência ou pela quantidade de atores envolvidos. Mesmo sob essas condições de fragmentação, um projeto único, elaborado por uma equipe de profissionais específica, possibilita a idealização de um desenho urbano **produto** para o local. Cada interessado na intervenção passa então a inserir o fragmento da intervenção que lhe compete (LANG, 2005, p. 30). Como exemplo, o autor cita o caso do **Battery Park City**, em Nova Iorque, iniciado na década de 1960 e gradualmente implantado segundo as diretrizes estabelecidas (LANG, 2005, p. 32).

O terceiro grupo, **piece-by-piece urban design**, é o que mais se aproxima do planejamento urbano, segundo Lang (2005). Tende a assumir a escala de bairros da cidade e não os edifícios individuais. Parte de uma intenção do Poder Público em favorecer a realização de objetivos, diretrizes e políticas públicas determinados para uma área da cidade (LANG, 2005, p. 32). Como exemplo, Lang cita os casos em que o Poder Público municipal oferta incentivos à implantação de determinada atividade em áreas específicas, por meio de maior permissividade com alguns parâmetros urbanísticos, como o coeficiente de aproveitamento ou altura máxima.

O quarto grupo, **plug-in urban design**, envolve decisões do Poder Público em implantar infraestrutura especificamente com o objetivo de “obter uma reação catalítica” (LANG, 2005, p. 33). Esse processo pode ocorrer em duas vias: a infraestrutura pode ser implantada em locais não ocupados (o que cria um vetor de ocupação) ou em uma área urbana já consolidada, com o objetivo de qualificá-la em um aspecto específico. Como exemplo, Lang (2005, p. 66) cita a concepção da infraestrutura viária de Curitiba, que possibilitou “plugar” o sistema de transporte e equipamentos urbanos.

Para Lang (2005), a definição do campo desenho urbano ocorre de acordo com a conjunção com seus campos “afins” (o planejamento urbano, o paisagismo e a arquitetura), conforme diversas situações em que o desenho urbano se “transveste” ou se utiliza desses campos afins como meio de sua própria aplicação. Ao optar por não oferecer uma definição única e decisiva sobre desenho urbano, o autor imprime um caráter difuso e ubíquo à sua prática, sempre em estreita relação com outros campos de prática sobre a cidade. Demonstra-se esse fato com base na definição de planejamento urbano oferecida por Lang (2005), segundo as suas diferenças com o desenho urbano:

[...] o planejamento urbano é preocupado principalmente com a distribuição de usos do solo em relação às redes de transporte. É focado no desenvolvimento eco-

nômico independentemente das consequências para o desenho físico. Contudo, somente em sua melhor performance o planejamento urbano consegue considerar a terceira e quarta dimensão das cidades em vez de permitir que sejam subprodutos de outras decisões. O desenho urbano surgiu como uma atividade separada em grande parte porque o planejamento urbano negligenciou o ambiente construído nas suas deliberações para o futuro. (LANG, 2005, p. 21-22, tradução nossa)

Lang (2005) vê de modo positivo o desenho urbano como um campo que permite múltiplos sentidos a partir de diversas situações e conexões com outros campos. Já o planejamento urbano é tomado pelo autor como um processo que pode ser incompleto, ao não se deter obrigatória e diretamente sobre aspectos da forma urbana (sendo apenas a “melhor performance” desse campo excluída de tal colocação).

Sobre essa colocação, percebe-se que o autor remete ao surgimento do desenho urbano como um campo de saber específico a partir da década de 1960. Em um momento de crítica ao pensamento e às práticas modernistas sobre a cidade e a ascensão de práticas e teorias de outras ciências (com destaque para a psicologia, cibernética e ciências sociais), surgem novas formas de tratar as questões urbanas, voltadas aos processos sociais, econômicos, políticos e culturais com causas e repercussões espaciais. O planejamento urbano se torna um campo de participação de diversos profissionais, além daqueles que até então pensavam a cidade, os arquitetos e urbanistas. O desenho urbano surge a partir de um espaço em relação à teoria e prática propositiva para a forma urbana, como lembra Tibbalds citado por Madanipour:

O desenho urbano também preencheu uma lacuna profissional. Após o fracasso percebido nos esquemas de renovação urbana do pós-guerra, arquitetos e planejadores urbanos perderam o interesse em imaginar a forma futura do ambiente urbano, criando uma lacuna profissional que precisava ser preenchida. Havia a necessidade de um grupo de profissionais capazes de imaginar o futuro da cidade de novas formas, para além do lote individual, que era a principal preocupação do empreendedor privado, e em um nível mais concreto do que os mapas de larga escala e diagramas dos planejadores urbanos e regionais. (TIBBALDS apud MADANIPOUR, 2006, p. 177, tradução nossa)

Assim, é possível afirmar que a amplitude interdisciplinar do planejamento urbano, ao mesmo tempo, permite a participação de profissionais aptos a tratar a forma urbana por meio do desenho urbano e dilui tal participação entre tantas que têm como objeto o desenvolvimento urbano.

A estratégia de Lang (2005) em não proferir definições fechadas sobre desenho urbano e planejamento urbano, preferindo demonstrar as características próprias desses campos em uma discussão sobre sua inter-relação, também é utilizada por Souza (2010), embora sob um olhar diametralmente oposto. Enquanto Lang (2005) traz como peça central o desenho ur-

banos e se embasa em estudos de casos implantados, Souza enfoca o planejamento urbano e recorre a teorias das Ciências Sociais para expor sua posição.

Para Souza (2010), o campo necessariamente associado ao planejamento urbano (como seu “complemento”) não é o desenho urbano, mas a gestão urbana. O autor não apresenta uma definição estanque de planejamento urbano, mas embasa sua análise sobre o conceito dos distintos referenciais temporais envolvidos no planejamento e na gestão: planejamento como a antevisão de fenômenos futuros, caracterizando uma preparação para a futura gestão, pois essa é a administração de situações presentes, com recursos disponíveis, contemplando demandas imediatas (SOUZA, 2010, p. 46). Assim, com referenciais temporais e tipos de atividades distintos, esses campos não estabelecem uma relação de hierarquia, ao contrário, dependem um do outro (SOUZA, 2006, p. 150-151).

Souza (2010) descreve diferentes correntes de planejamento urbano, destacando as diversas formas como este pode se desenvolver como prática e teoria sobre a cidade. O autor propõe a corrente autonomista de planejamento e gestão urbana como a única real possibilidade às decisões de o planejamento e gestão urbana tomarem forma de modo autônomo, pois, para o autor, as outras correntes de planejamento envolvem a tomada de decisão por uma minoria em detrimento da coletividade (SOUZA, 2010, p. 212). A autonomia proposta por Souza (2010) é baseada na radicalização da politização do planejamento urbano, em que ocorre “a separação institucionalizada entre dirigentes e dirigidos [...] dando-se a oportunidade de surgimento de uma esfera pública dotada de vitalidade e animada por cidadãos conscientes, responsáveis e participantes” (SOUZA, 2010, p. 175).

Já o desenho urbano é apenas descrito por Souza (2010, p. 57) como um novo rótulo à prática dos arquitetos sobre a cidade, conforme o desgaste que o termo “urbanismo” sofreu na transição do Modernismo ao Pós-modernismo. A abordagem do autor transparece a valorização do campo planejamento urbano sobre o desenho urbano, e aventa-se a possibilidade de a formação profissional autor, ligada a geografia, ser determinante em seu posicionamento crítico, mas parcial, em relação à posição dos arquitetos.

Diferentemente da posição dos demais autores aqui analisados, Cuthbert (2003) não aborda aspectos práticos da elaboração e implantação do planejamento urbano e desenho urbano em sua análise. Sua trilogia (CUTHBERT, 2003, 2006, 2011a)³ é focada na teoria do desenho urbano, com um viés crítico em relação à maneira como esta é usualmente pautada pela autorreferenciação, pela abordagem pragmática e inflexível, e pela desvinculação da realidade econômica e política em que está inserida (CUTHBERT, 2011b, p. 84). Com base nessa crítica, a abordagem do autor é extrema e propositiva, no sentido de tornar o desenho urbano um campo disciplinar autônomo, dentro da sociedade e da academia, vinculando-o à “economia política espacial em vez do determinismo arquitetônico, planejamento de políticas ou anarquia generalizada de ideias dentro da corrente principal do desenho urbano” (CUTHBERT, 2006,

3. Aqui complementada pelo capítulo “Urban design and spatial political economy”, do livro “Companion to urban design” (CUTHBERT, 2011b).

p. 14, tradução nossa). Tomando isso como base, define desenho urbano e planejamento urbano com base na discussão de Castells sobre o processo de produção da forma urbana a partir dos conflitos sociais que se estruturam sobre o espaço, considerando “impossível separar o desenho urbano de suas funções sociais, que são interligadas com outros processos, particularmente o planejamento urbano” (CUTHBERT, 2006, p. 18, tradução nossa). A definição de Castells para desenho urbano e planejamento urbano é adotada por Cuthbert (2003), na seguinte acepção:

Nós chamamos mudança social urbana a redefinição do significado urbano. Nós chamamos de planejamento urbano a adaptação negociada de funções urbanas para um significado urbano partilhado. Nós chamamos desenho urbano a tentativa simbólica de expressar um significado urbano aceito em certas formas urbanas. (CASTELLS, 2003, p. 25, tradução nossa)

A abordagem de Cuthbert se propõe a deslocar o desenho urbano de uma realidade acrítica (em que o desenho urbano é subjugado ao planejamento urbano e arquitetura e tratado em “manuais” sobre como atingir a boa forma urbana) para um novo corpo teórico, vinculado à economia política espacial e à discussão sobre a produção social da cidade. Cuthbert não esconde um tom revolucionário nessa ideia e, em suas duras críticas sobre a atual posição assumida pelo desenho urbano e seu “determinismo físico”, desconsidera o fato de que essa é resultado de um processo iniciado na década de 1960 (como dito anteriormente), causado pela necessidade de ter contemplados os aspectos físicos por um campo de saber mais restrito que aquele do planejamento urbano interdisciplinar.

Conclui-se, com base na análise realizada nesta seção, que a multiplicidade de conceitos apresentados nas abordagens contemporâneas para planejamento urbano e desenho urbano se deve, principalmente, aos distintos pontos de partida e aspectos que cada autor enfoca, envolvendo tanto a prática quanto a teoria referente a esses campos, como sua inter-relação, seus objetivos, as características de seus processos e produtos, e sua relação com o contexto em que está inserido. Ademais, verifica-se que alguns autores contemporâneos conceituam planejamento urbano e desenho urbano com base em seu entendimento próprio sobre como esses campos se relacionam, como detalhado a seguir.

Relação entre planejamento urbano e desenho urbano

Entende-se que a relação entre planejamento urbano e desenho urbano não pode ser descrita de maneira única e axiomática, pois é variável segundo a perspectiva analisada. Consideram-se possíveis, ainda em caráter preliminar, as seguintes tipologias de relação:

- dominação ou imposição de um campo sobre o outro, segundo uma hierarquia;
- simetria entre os campos, sem relação hierárquica;
- dependência ou simbiose entre os campos;

- independência ou separação entre os campos;
- inserção do conteúdo de um campo em outro;
- sobreposição parcial dos conteúdos dos campos;
- interposição de um campo entre outros dois.

Verifica-se que há dois modos de apresentação da relação entre planejamento urbano e desenho urbano pelos autores: segundo um caráter propositivo, em que se enfoca uma situação ideal; e segundo um caráter descritivo, em que se enfoca a narrativa dos fatos existentes. Um modo não descarta o outro por completo, e ressalva-se que a descrição de fatos não é desvinculada da posição ideológica de cada autor.

Tomando como ponto inicial a abordagem de Del Rio (1990), verifica-se a distinção entre tipologias de relação quando o desenho urbano é analisado como processo ou como **produto**. O autor afirma que o planejamento urbano sempre contém o processo de desenho urbano, ainda que de maneira inconsciente, e que o desenho urbano **produto** sempre é afetado pelas decisões tomadas ao longo do processo de planejamento urbano (DEL RIO, 1990, p. 57). Sob essa perspectiva, a relação analisada ocorre de dois modos simultaneamente: (a) o processo inconsciente de desenho urbano está inserido no planejamento urbano e (b) o desenho urbano **produto** é alvo de dominação ou imposição do planejamento urbano.

Diante disso, o autor defende a inserção do processo consciente de desenho urbano no processo contínuo de planejamento como uma forma de tratar a “qualidade físico-ambiental do meio urbano” (DEL RIO, 1990, p. 57). Não obstante, o autor considera esses dois campos como totalmente inter-relacionados, e considera um equívoco dissociá-los em momentos de atuação distintas:

Não existe um momento exato para “começar a pensar em Desenho Urbano,” esta preocupação deve estar sempre presente na administração das cidades, gerando uma inter-relação dinâmica e constante entre planos e projetos (entre o geral e o particular), entre conteúdo e continente (entre dentro e fora), entre formulação e implantação (entre início e fim). (DEL RIO, 1990, p. 57)

Nota-se o caráter propositivo dessa afirmação de Del Rio (1990), idealizando a relação de inserção do processo consciente de desenho urbano no processo de planejamento urbano como forma de manter a absoluta e constante inter-relação entre eles.

Carmona *et al.* (2003) também assumem uma abordagem otimista e propositiva para a maneira como a relação entre esses campos deve ocorrer. Os autores criticam o que consideram uma postura generalizada: “O desenho urbano comumente tem sido considerado como uma escala intermediária entre planejamento (o assentamento) e arquitetura (edifícios individuais)” (CARMONA *et al.*, 2003, p. 6). Para os autores, esse entendimento não é positivo, considerando mais adequada a adoção de uma visão holística e pluriescalar.

Sua postura é propositiva, no sentido de demonstrar como ocorre um caso “típico” de processo integrado de desenho urbano, que envolve tanto a determinação de etapas do pro-

cesso consciente de desenho urbano quanto a alimentação deste pelas práticas realizadas do planejamento urbano, da arquitetura, do paisagismo e da engenharia.

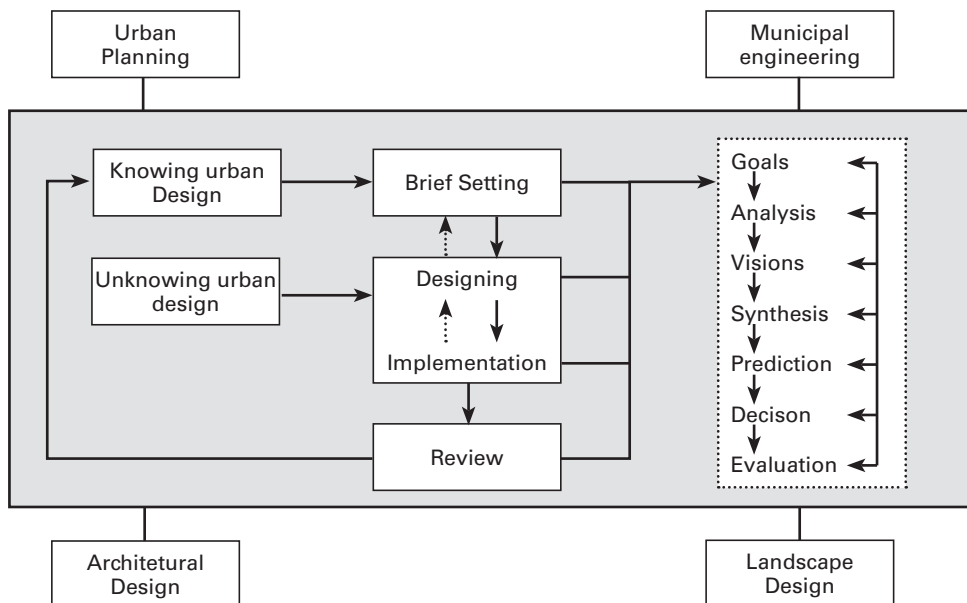


Figura 1 • Fluxograma de processo integrado de desenho urbano. Fonte: Carmona et al. (2003, p. 56).

Esse processo ideal, proposto por Carmona *et al.* (2003), pode ser interpretado como uma sobreposição parcial do escopo do desenho urbano e do planejamento urbano (assim como da arquitetura, paisagismo e engenharia), o que permite uma integração entre os dois campos estudados, ainda que haja aspectos particulares a cada um deles.

Assim, diferentemente de Del Rio (1990), Carmona *et al.* (2003) vislumbram a relação entre planejamento urbano e desenho urbano como uma entre diversas relações existentes entre campos disciplinares distintos. Lang (2005) aprofunda essa análise, descrevendo em detalhes os tipos de relação que o desenho urbano pode assumir com o planejamento urbano.

No mesmo sentido que o exposto por Del Rio (1990), Lang (2003) afirma que os planos, embora usualmente vinculados ao processo de planejamento urbano, sempre trabalham o desenho urbano de maneira direta ou indireta. A abordagem indireta ocorre por meio de um processo que não enfoca o desenho urbano, mas cujas políticas públicas decorrentes influenciam a configuração da forma urbana. Já a abordagem direta está frequentemente ligada aos planos que contemplam a qualidade da forma urbana por meio de processo consciente de desenho urbano (LANG, 2005, p. 61), resultando em um instrumento que contempla indistintamente o planejamento urbano e o desenho urbano:

O desenho urbano e o planejamento urbano se sobrepõem quando o planejamento urbano envolve o desenho físico da cidade ou de suas zonas [...] quando esses planos trabalham com visões para a cidade tridimensional e com métodos para alcançar tal visão. (LANG, 2005, p. 62, tradução nossa)

Nesse caso, estão inseridos principalmente os planos-“piloto” para novas cidades (como Brasília e Seaside), que “podem ser vistos tanto como planejamento urbano quanto como desenho urbano” (LANG, 2005, p. 62, tradução nossa). Assim, nesses casos, a relação entre planejamento urbano e desenho urbano é de interdependência ou mutualismo, pois acontecem simultaneamente e indissociavelmente.

Diante dessa constatação, Lang (2005) adverte que essa situação não é uma regra universal, pois o tratamento mais abrangente e generalista destituído do claro objetivo de desígnio sobre a forma urbana não logra integrar planejamento urbano e desenho urbano segundo uma relação de interdependência (LANG, 2005, p. 59-60).

Em contraponto à tipologia de interdependência, Lang apresenta dois aspectos que distanciam planejamento urbano e desenho urbano. Em primeiro lugar, o planejamento urbano é focado sobre a distribuição de usos do solo, de maneira a relacioná-los com o sistema de transporte e evitar a convivência de atividades incompatíveis, estando excluídas de seu foco as consequências de tais questões para o desenho urbano **produto** (LANG, 2005, p. 21). Para o autor, o processo de planejamento urbano que resulta em uma lei de zoneamento não pode ser considerado um processo consciente de desenho urbano, pois, na maioria dos casos, esses processos não são pautados na preocupação com a qualidade da forma urbana resultante, ou seja, pelo desígnio de uma forma urbana idealizada. Isso ocorre principalmente quando o Zoneamento é trabalhado bidimensionalmente sobre um mapa na escala de todo o município, negligenciando a visão da conformação final, tridimensional, dos parâmetros urbanísticos estabelecidos (LANG, 2005, p. 62). Sob essas condições, os campos são caracterizados por relação de separação entre o planejamento urbano e o processo consciente de desenho urbano.

Em segundo lugar, o planejamento urbano raramente trata as questões referentes à qualidade e ao caráter do domínio público de maneira mais detalhada do que em forma de diretrizes. Contudo as políticas públicas frutos de tais diretrizes acabam por influenciar a configuração da forma urbana, abrindo margem a um “processo de desenho urbano escondido” (LANG, 2005, p. 64, tradução nossa) ou, segundo a denominação convencional neste artigo, um processo inconsciente de desenho urbano. Assim, ao tratar a questão da forma urbana genericamente em diretrizes textuais, sem a presença de desenhos específicos, abre-se margem à realização de intervenções distintas daquelas inicialmente pretendidas (LANG, 2005, p. 63-64).

Lang analisa o processo de planejamento urbano também sob o enfoque da relação que este constitui com o desenho urbano. Assim, analisa o processo idealizado por Edmund Bacon em 1969, pautado pelo princípio da continuidade do planejamento (pilares dos planos compreensivos realizados na época) que consiste em um ciclo contínuo de planos com escalas distintas, conforme a figura a seguir.

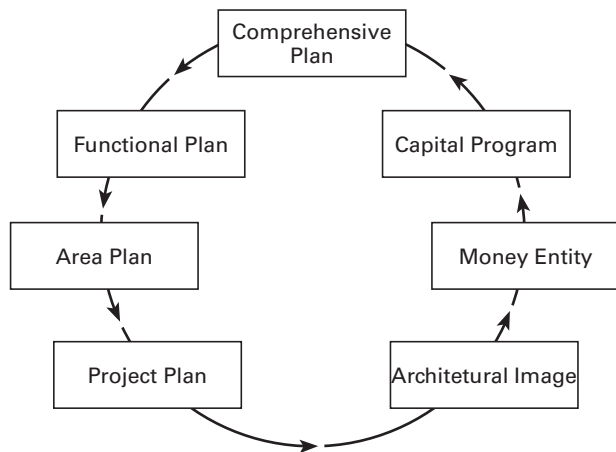


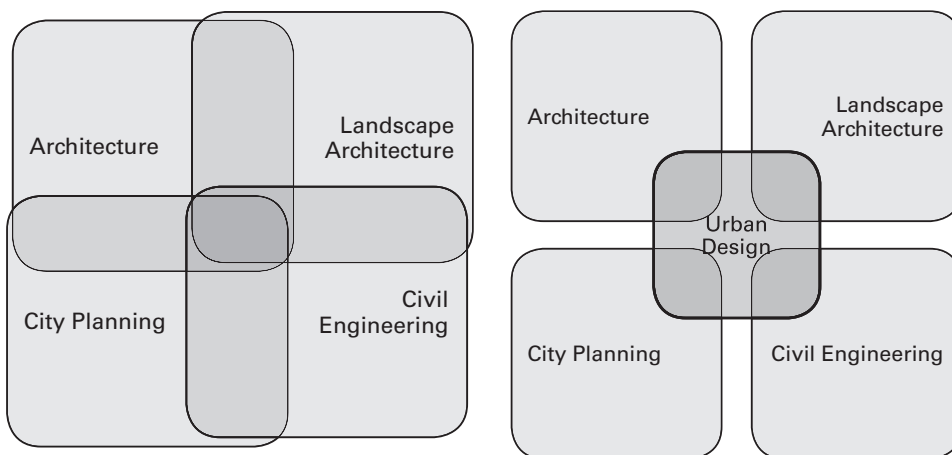
Figura 2 • Desenho urbano como parte do processo de desenvolvimento. Fonte: Bacon *apud* Lang (2005, p. 65).

A análise crítica de Lang (2005) sobre esse processo resume-se na seguinte afirmação: “As questões de desenho urbano deveriam tanto derivar quanto alimentar o plano compreensivo para o futuro da cidade. A maioria dos planos compreensivos falha em fazê-lo” (LANG, 2005, p. 66, tradução nossa). Tal falha se deve ao fato de a maioria das cidades não lograr implantar o processo para além da regulamentação de zoneamento, sem atingir o objetivo traçado por Bacon (1969) para os “planos de área” e “planos de projeto”, em que as zonas receberiam uma proposta de caráter tridimensional. Assim, os planos não representam uma forma urbana idealizada que pode ser “efetivamente perseguida e construída” (LANG, 2005, p. 65, tradução nossa).

Um segundo ponto censurado por Lang (2005, p. 73-74) refere-se à idealização de uma relação hierárquica unidirecional na relação entre planejamento urbano e desenho urbano, na qual as diretrizes advindas do planejamento urbano transformar-se-iam em intervenções de desenho urbano e posteriormente projetos arquitetônicos e paisagísticos. Segundo o autor, essa é uma conclusão precipitada e simplificadora dos inúmeros aspectos envolvidos nesse processo. Assim, conclui-se, com base na abordagem de Lang (2005), que a relação entre planejamento urbano e desenho urbano pode ocorrer segundo uma hierarquia de escalas, possível em ambas as direções e determinada segundo a opção por um ponto de partida na escala mais abrangente (mais frequentemente associada ao planejamento urbano) ou mais detalhada (mais frequentemente associada ao desenho urbano).

Com base na análise que empreende, Lang (2005) sintetiza as possíveis posições que o desenho urbano pode assumir na relação com o planejamento urbano: (a) tornar-se indistinto do planejamento urbano devido a uma mútua dependência; (b) distanciar-se do planejamento urbano como processo consciente e permanecer inserido nele apenas como processo inconsciente; (c) tornar o planejamento urbano sua subárea; e (d) constituir-se como uma subspecialização do planejamento urbano na qual este encontra a arquitetura e o paisagismo (LANG, 2005, p. 74).

Em suas conclusões, Lang contrapõe uma visão própria à visão tradicional do desenho urbano como o campo de interseção entre planejamento urbano, paisagismo, arquitetura e engenharia civil, afirmando que as relações que o desenho urbano guarda com o tais disciplinas são determinantes para sua especialização em um campo disciplinar e área de atuação própria e exclusiva (LANG, 2005, p. 393), situações esboçadas graficamente na figura a seguir. Com base na sua consolidação como campo disciplinar autônomo, o desenho urbano ganharia espaço em outros campos, como a geografia urbana, a psicologia ambiental e a gestão urbana (LANG, 2005, p. 393).



Entre os autores analisados, Souza (2010) é o único que não apresenta uma abordagem propositiva sobre como deve ocorrer a relação entre planejamento urbano e desenho urbano. Sua interpretação para essa questão é reflexiva, baseada nos aspectos históricos da constituição distintos em natureza e origem. Souza (2010, p. 55-59) opta por não discutir a diferença entre urbanismo e desenho urbano, tratando-os como campos equivalentes, mas distintos do planejamento urbano:

Planejamento urbano (o qual deve, aliás, ser sempre pensado junto com a gestão, seu complemento indissociável) sugere, por conseguinte, um contexto mais amplo que aquele representado pelas expressões Urbanismo e Desenho Urbano. O planejamento urbano inclui o Urbanismo (ou o Desenho Urbano, como preferirem); o último é um subconjunto do primeiro. (SOUZA, 2010, p. 58-59, grifo do autor)

Assim, é possível esboçar a relação apontada por Souza como a inserção do desenho urbano no planejamento urbano, tanto sob a situação atual visualizada pelo autor quanto para sua proposta de planejamento urbano autonomista, sobre a qual destaca em relação ao desenho urbano: “Recusam-se receitas apriorísticas e aceita-se a variabilidade de soluções e preferências (locais, regionais etc.), deixando-se essa questão, como muitas outras, para a alçada decisória da própria coletividade organizada” (SOUZA, 2010, p. 212).

Cuthbert (2003; 2006; 2011a; 2011b), em sua visão reflexiva e crítica, tende a caracterizar o planejamento urbano como algo

Figura 3 • Visão tradicional e visão de Lang na conformação do campo disciplinar do desenho urbano. Fonte: Lang (2005, p. 394).

dominado pelo Estado e pela ideologia, e o desenho urbano, como algo com natureza e objetivos mais concretos ou pragmáticos, semelhantes, em natureza, à arquitetura. Além disso, considera o desenho urbano um campo destituído de uma teoria substancial própria e “colonizado” pelos campos da arquitetura e do planejamento urbano (CUTHBERT, 2006, p. 262). Para o autor, a diferença entre esses três campos pode ser sintetizada da seguinte maneira:

- arquitetura: “restrita ao projeto de edifícios individuais, que são governados por parâmetros impostos por ambientes artificialmente criados [...] a função essencial da arquitetura é defensiva” (CUTHBERT, 2006, p. 13, tradução nossa);
- desenho urbano: “representado como um sistema aberto que usa elementos individuais de arquitetura e o ambiente urbano [...] focado na interação social e comunicação no domínio público” (CUTHBERT, 2006, p. 13, tradução nossa);
- planejamento urbano: “agente de Estado controlando a produção e reprodução do lucro proveniente da terra, alocando bens de consumo coletivo” (CUTHBERT, 2006, p.13, tradução nossa).

Radicalmente contra o que considera uma relação de dominação do desenho urbano pela arquitetura e planejamento urbano, Cuthbert (2006) propõe tornar sua relação simétrica por meio da valorização do desenho urbano vinculado à economia política espacial.

Conclui-se que, para os autores que analisam a relação entre planejamento urbano e desenho urbano, esse é um aspecto importante na conceituação de cada campo em específico, e é percebido segundo diferentes enfoques de análise. As tipologias de relação entre planejamento urbano e desenho urbano identificadas nas abordagens contemporâneas estão sintetizadas no Quadro 1.

Conclusão

Verificou-se que a relação entre planejamento urbano e desenho urbano pode ser expressa de múltiplas maneiras, sob diferentes posicionamentos propositivos e reflexivos dos autores. Enquanto Del Rio (1990), Carmona *et al.* (2003) e Lang (2005) apresentam uma abordagem mais reflexiva sobre a realidade existente e “organizadora” do pensamento e da prática envolvida nos campos analisados, Souza (2010) e Cuthbert (2003, 2006, 2011a, 2011b) apresentam análises que servem de suporte à suas teorias, apresentando abordagens mais propositivas sobre como esses campos deveriam se comportar em uma situação nova e diferente da existente.

A interpretação de Del Rio (1990) e Carmona *et al.* (2003), que pressupõe, aprioristicamente, a existência de um grau de positividade nas práticas envolvidas nos campos do planejamento urbano e do desenho urbano e na obrigatoriedade de sua relação, é controversa. Os autores buscam demonstrar como tais práticas e tal relação devem se comportar para atingir uma situação ideal, mas pouco discutem sobre alternativas e consequências quando do não alcance de tal situação.

Quadro 1 - Tipologias de relação entre planejamento urbano e desenho urbano identificadas nas abordagens contemporâneas.

Autor	Tipologia de relação	Situação	Descrição
Del Rio (1990)	Inserção	Observada	O processo de planejamento urbano sempre contém o desenho urbano, ainda que somente de modo inconsciente
	Dominação ou imposição	Observada	O desenho urbano produto é subordinado ao planejamento urbano
Carmona et al. (2003)	Interposição	Observada – modo equivocado	O desenho urbano produto é visto como uma escala intermediária entre o planejamento urbano e a arquitetura
	Sobreposição parcial	Observada – modo correto	Parte do escopo do desenho urbano sobrepõe-se ao escopo do planejamento urbano
Souza (2010)	Inserção	Observada e proposta	O desenho urbano é parte do planejamento urbano (o conteúdo do segundo é mais abrangente que do primeiro)
Cuthbert (2003; 2006; 2011a; 2011b)	Dominação ou imposição	Observada	Subordinação do campo disciplinar desenho urbano ao planejamento urbano e à arquitetura
	Interposição	Observada	O desenho urbano é mantido entre o planejamento urbano e a arquitetura
	Simetria	Proposta	Simetria entre os campos disciplinares do planejamento urbano e desenho urbano
Lang (2005)	Dependência ou simbiose	Observada	Desenho urbano se torna indistinto do planejamento urbano devido a uma mútua dependência
	Independência ou separação	Observada	Processo consciente de desenho urbano atua de modo independente do planejamento urbano
	Dominação ou imposição	Observada	Processo consciente de desenho urbano e desenho urbano produto subordinados ao planejamento urbano
	Dominação ou imposição	Observada	Processo consciente de desenho urbano dominante sobre o planejamento urbano
	Sobreposição parcial	Proposta	Sobreposição parcial dos conteúdos do desenho urbano e do planejamento urbano, arquitetura, paisagismo e engenharia

Fonte: a autora, 2012.

Lang (2005) também encara positivamente o que concerne ao desenho urbano, mas, ainda que relativizando, descreve o processo de planejamento urbano como insuficiente caso não contemple o desenho urbano em seu âmago (sem, contudo, buscar compreender por que tal separação entre os campos ocorre). Souza (2010), ao descrever o desenho urbano como um “subconjunto” do planejamento urbano é, entre todos os autores analisados, aquele cuja abordagem é mais limitada acerca das possibilidades que a relação entre esses campos pode assumir; à qual se contrapõe, por exemplo, a abordagem de Cuthbert (2003), que aventa a possibilidade de tornar o desenho urbano um campo autônomo. Esse autor, em sua posição crítica sobre o atual estado do desenho urbano, é o que empreende a mais completa revisão da teoria existente sobre esse campo, ainda que com o objetivo de selecionar um rol de obras “úteis” ao escopo do desenho urbano como campo autônomo, segundo sua teoria.

A análise evidencia a pluralidade de modos de configuração da relação entre planejamento urbano e desenho urbano, que, embora pareçam pertinentes se considerados os pontos de partida de cada obra e cada autor, denotam: (a) que o conceito e a relação entre os campos são entendidas de modo desigual entre os autores que a avaliam; (b) um pequeno debate interno entre as obras de caráter reflexivo (conforme enunciado acima), que tendencialmente adotam ou criam teorias sem significativo escrutínio de outras teorias; e (c) uma tendência à predominância da análise dos aspectos de um dos campos em especial, em detrimento de análise em igual medida do outro.

A análise das abordagens contemporâneas revela, também, a existência de um duplo e simultâneo movimento: enquanto alguns autores buscam organizar o conteúdo do planejamento urbano e desenho urbano (procurando dar-lhes sentido e explicar como se relacionam com o objetivo de consolidar um posicionamento sobre a situação existente), outros autores enfocam as lacunas existentes nesses campos e na relação entre eles, sugerindo alternativas à conformação do planejamento urbano, desenho urbano e de sua relação, e defendendo uma posição mais extrema de promoção de uma transformação profunda nesses campos. Observa-se, simultaneamente, a busca pela consolidação de uma base teórica com base no esforço em organizar conteúdos e construir consensos, e a busca por novos arranjos entre disciplinas e por alternativas às situações estabelecidas.

Tal simultaneidade revela-se um referencial temporal sincrônico, ou seja, de obras contemporâneas. Se colocado em perspectiva um referencial temporal diacrônico, é possível relativizar todas as questões colocadas, pois planejamento urbano e desenho urbano são campos que passaram por importantes processos, decorrentes da própria urbanização, que os levaram a se constituírem tais como hoje. Transformações ocorridas a partir da década de 1960 levaram à dissolução das soluções utópicas baseadas em modelos de cidade ideal (concebidas por meio de processos conscientes de desenho urbano) e trouxeram um novo olhar das Ciências Sociais para as questões urbanas. Essa mudança de paradigma ocasionou o surgimento do desenho urbano como um campo ligado à inventividade criativa e do planejamento urbano como um campo interdisciplinar ligado à racionalidade e metodologia rígida. Tal leitura relativizada não é oferecida pelas obras analisadas, que se ocupam mais veementemente em tratar sobre comportamento existente ou ideal dos campos do que sobre a transitoriedade das questões que abordam.

Por fim, destaca-se que a análise aqui empreendida em nível teórico necessita ser complementada por estudos em nível prático, que considerem o modo como planejamento urbano e desenho urbano se manifestam concretamente sobre a cidade.

Referências

BACON, Edmund. Urban process: planning with and for the community. **Architectural Record**, New York, v. 145, n. 5, p.113-28, 1969.

BARNETT, Jonathan. **An introduction to urban design**. New York: Harper & Row, 1982.

CARMONA, Matthew *et al.* **Public places - urban places: the dimensions of urban design**. Burlington: Architectural Press, 2003.

CARMONA, Matthew; TIESDELL, Steve (Ed.). **Urban design reader**. Burlington: Architectural Press, 2007.

CASTELLS, Manoel. The process of urban social change. In: CUTHBERT, Alexander R. **Designing cities: critical readings in urban design**. Malden: Blackwell Publishing, 2003. cap. 1, p. 23-27.

CUTHBERT, Alexander R. **Designing cities: critical readings in urban design**. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

CUTHBERT, Alexander R. **The form of cities: political economy and urban design**. Malden: Blackwell publishing, 2006.

CUTHBERT, Alexander R. **Understanding cities: method in urban design**. Oxon: Routledge, 2011a.

CUTHBERT, Alexander R. Urban design and spatial political economy. In: BANERJEE, Tridib; LOUKAITOU-SIDERIS, Anastasia (Ed.). **Companion to urban design**. Oxon: Routledge, 2011b. p. 84-96.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DUARTE, Fábio. **Planejamento urbano**. Curitiba: IBPEX, 2007.

HALL, Peter; TEWDWR-JONES, Mark. **Urban and regional planning**. 5. ed. New York: Routledge, 2011.

HEPNER, Alexandre. **Desenho urbano, capital e ideologia em São Paulo: centralidade e forma urbana na marginal do rio Pinheiros**. 2010. 342f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Ouro Preto**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=32FC877D9917DC5A2A27284B5E24DEB?id=13192&sigla=Institucional&retor no=detalheInstitucional>>. Acesso em: 6 maio 2012.

LANG, Jon. **Urban design: a typology of procedures and products**. Burlington: Architectural Press, 2005.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

MADANIPOUR, Ali. Roles and challenges of urban design. **Journal of Urban Design**, v. 11, n. 2, p. 173-193, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13574800600644035#preview>>. Acesso em: 1 set. 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

TIBBALDS, F. Mind the gap! A personal view of the value of urban design in the late twentieth century. *The Planner*, n. 74, v. 3, p. 11-15, mar. 1988.

Endereço para correspondência

Maria Fernanda Incote Montanha Teixeira
Rua Nossa Senhora de Nazaré, 2401, ap51, b1, Curitiba-PR
82.560-000
mfernanda.arq@gmail.com